

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA

MARIA CAETANA NETA

HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CIRCULO OPERÁRIO DE PICOS (1950-1960)

PICOS-PI

2016

MARIA CAETANA NETA

HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CIRCULO OPERÁRIO DE PICOS (1950-1960)

Monografia apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientação do Professor Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro

PICOS, PI

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

C128h Caetana Neta, Maria
História e memória do círculo operário de Picos (1950) /
Maria Caetana Neta. – 2016.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (40f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador: Prof. Me. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

1. Circulo Operário-Picos-História. 2. Movimento
Circulista-Picos. 3. Sociedade Picoense. I. Título.

CDD 981.922



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao quatro (04) do mês de Março de 2016, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Maria Caetana Neta** sob o título **HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CÍRCULO OPERÁRIO DE PICOS (1950-1960)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Me. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador 1: Profª Ma. Ana Paula Cantelli Castro
Examinador 2: Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,5.

Picos (PI), 04 de Março de 2016

Orientador (a): Francisco Gleison da C. Monteiro
Examinador (a) 1: Paula
Examinador (a) 2: Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Joaquim Ferreira Ferro (*in memorian*), ao meu tio Sebastião Ferreira Ferro (*in memorian*), minha sobrinha Larissa Luísa Teixeira Ferro, por sua disponibilidade na realização das entrevistas, a minha prima Conceição de Maria silva Alencar, pelo seu carinho e incentivo em tudo que faço.

Ao meu amigo, Albano Silva pela disponibilização do seu acervo pessoal. Às amigas de todas as horas Maria do Socorro Alencar, Marinho e Maria das Graças Ferreira.

Ao Colégio Antares, na pessoa do seu proprietário Sr. Raimundo Nonato Ramos Pinto, como também aos professores da referida instituição, do período de 2007 a 2008.

Em especial aos professores do Curso de História da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus de Picos, pelo profissionalismo e compreensão nas minhas limitações acadêmicas.

RESUMO

A escolha da temática Círculo Operário de Picos surgiu da necessidade de resgatar sua história e memória já esquecida pela sociedade picoense. O Círculo Operário foi fundado em 1951, com número ilimitado de sócios e com proteção social e jurídica. Desde sua fundação pela camada social da elite, o movimento circulista vivenciou os períodos da Primeira República e da Ditadura Militar no Brasil. Na República não aconteceu a tão esperada revolução social e foi durante a Ditadura que o movimento foi desarticulado e chegou mesmo a desaparecer. Depois desta época, o Movimento Circulista procurou se reerguer através da formação e capacitação da sua classe de trabalhadores.

Palavras-chaves: Círculo Operário. História e Memória. Sociedade Picoense. Movimento Circulista.

ABSTRACT

The choice of the theme Peaks Worker Circle arose from the need to rescue their history and memory already forgotten by picoense society. The Workers' Circle was founded in 1951, with unlimited number of members and social and legal protection. Since its founding by the social layer of the elite, the circulista movement experienced the periods of the First Republic and the military dictatorship in Brazil. The Republic has not happened a long-awaited social revolution and it was during the dictatorship that the movement was dismantled and has even disappear. After this time, the Circulista Movement sought to rebuild through training and capacity building of its class workers.

Keywords: Circle Worker. History and Memory. Picoense society. Circulista movement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – O MOVIMENTO OPERÁRIO NA HISTÓRIA DO BRASIL: antes, durante e pós Ditadura Militar	12
CAPÍTULO II – O CÍRCULO OPERÁRIO DE PICOS.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
FONTES E REFERÊNCIAS.....	30
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Companheiros, cerremos fileira!
Olhos fitos no ideal que reluz.
Empunhemos a nossa bandeira,
Cujas cores abraçam a cruz!
Ardorosos na luta queremos
O operário fazer respeitar;
Contra as forças do mal defendemos
Nosso Deus, nosso pão, nosso lar!¹

Dois motivos me levaram a incorporar o Hino Oficial dos Trabalhadores, na produção historiográfica sobre o Circulo Operário de Picos: o primeiro, por estar no Estatuto da CBTC. (Confederação Brasileira dos Trabalhadores Circulista.² O segundo motivo – é exibido com o canto em todos os eventos ordinários, dos Círculos Operários; das Federações e da CBTC. O hino reforça, o dever do circulista que é lutar, pela solução das questões sociais dentro e fora do movimento circulista; luta coletiva pelas causas trabalhistas e a defesa por um Brasil Operário Cristão.

A escolha do Circulo Operário de Picos como objeto de estudo e pesquisa; dar-se por acreditar na sua representatividade junto à sociedade picoense e nas suas atividades sociocultural voltada principalmente para as crianças e jovens, filhos de sócio circulistas estendendo à sociedade em geral.

É importante registrarmos que a cidade de Picos é uma das mais importantes do Piauí, localizada na região centro-sul desse estado conta hoje com uma população estimada de 76.544³, inclusive, é uma cidade fronteiriça e de grande tráfego de carros e pessoas. A título de localização vejamos o mapa abaixo:

¹ Fragmento do Hino Oficial dos Trabalhadores – letra de vários circulistas. Música do P. J. Lehmann, S. V. D. para consulta na íntegra, conferir o link: <http://www.cbtc.org.br/hino.html>.

² Estatuto da CBTC, Cap. IV, Art. 6º, V. cf. <http://www.cbtc.org.br/docs/estatuto.pdf>.

³ Para verificar atualizações e consultar estimativas da população de anos anteriores, consultar o link: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa_tcu.shtm.

MAPA GEOGRÁFICO DE PICOS



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Picos#/media/File:Piaui_Municip_Picos.svg. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

No período de 1950 a 1960, além dessas atividades já mencionadas, merece ser destacado o cortejo fúnebre dos sócios circulistas, acompanhado pela banda de música

municipal; são detalhes significativos na memória⁴ dos circulistas e das pessoas simpatizantes das ações do Círculo Operário Picoense. Nesse sentido, considero importante explicar quem eram os sócios circulistas. Qual o grupo político, econômico e social que estes pertenciam. Segundo o Estatuto do Círculo Operário de Picos aprovado em 1952 e permaneceu em vigor até o ano de 2014; no capítulo II, Art 4º, P.5. Os sócios do círculo eram, operários manuais, outros estavam enquadrados nas diversas categorias de assalariados, empregados do comércio, funcionários públicos, trabalhadores por conta própria; assim como senhoras ou senhoritas que exerciam profissão doméstica. Exceto, o presidente do Círculo Operário de Picos, Senhor Conrado da Costa Neto - empresário, dono da maior sapataria de Picos. Com base nesses dados, a situação econômica dos sócios abrangia o alto, o médio e o baixo poder aquisitivo; em relação ao social pertenciam a camada social da elite e a da classe pobre, quanto ao grupo político; nesse referencial temporal (1950 a 1960); o Brasil passava por governos de regime presidencial democrático, regime parlamentar (1961 a 1964), regime ditatorial militar, a partir de 1964 indo até 1985. Nesta contextualização e conhecendo bem a população picoense que praticava o voto por cabresto, é evidente que não se opunham ao governo municipal e este por sua vez, apoiava o Governo Estadual e Federal, ou seja, provavelmente estavam no grupo político da situação.

Aos dezoito dias do mês de novembro do ano de 1951, a cidade de Picos, Estado do Piauí, foi contemplada pela igreja católica, com a instituição circulista operária picoense, mencionado doravante pela sigla C.O.P., segundo o seu estatuto aprovado em assembleia geral, realizada aos seis dias do mês de janeiro do ano de mil e novecentos e cinquenta e dois; visto e aprovado por Dom Expedito Lopes, bispo da diocese da cidade de Oeiras, Estado do Piauí, em 12 de novembro de 1952, tendo como objetivos dentre outros; prestar aos seus associados todo o gênero de benefícios e defesa; cultura moral, intelectual, social; fundação ou adesão de escolas; realizações de conferências; pela sã imprensa, pelo rádio, cinema educativo, teatro, esporte, escotismo.⁵

Ao estudar, pesquisar e ouvir as depoentes: Maria da Conceição Monteiro (D. Liria); Maria Leal dos Santos (D. Maria Avô) e Francisca Leal de Moura Santos (D. Chiquinha de Zeli de Conrado); surgem indagações, quanto a gênese do C.O.P., qual o seu público alvo, quais os fatores contribuintes na sua decadência; no decorrer dessa narrativa, busco como historiadora; preservar a história e memória do C.O.P., no recorte temporal de 1950 a 1960; a

⁴ Sigo aqui as discussões apontadas por POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. In.: Revista de Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

⁵ Estatutos do C.O.P., Cap. 1; arts. 1º e 2º. Cf. <http://www.cbtc.org.br/docs/estatuto.pdf>.

meu ver, o “ápice” do Circulo Operário Picoense. Também valorizar e evitar o esquecimento de alguma das pessoas porta-vozes dos circunistas picoenses, com isto, pretendo despertar e dar subsídio a gerações futuras, na elaboração de trabalhos historiográficos enveredado no C.O.P, seja qual for o recorte temporal.

Certamente nesta produção textual procuro refletir a “História e Memória do C.O.P, nascida de cima para baixo”,ou seja, foi construída a partir desde a sua fundação por um grupo social da elite, o qual, arquitetou e mobilizou os ingressos dos sócios da camada social formada por operários, trabalhadores autônomos, senhoras e senhoritas de exercício doméstico.⁶

Ainda neste segmento da História e Memória do Círculo Operário de Picos, Piauí, faço uso de teóricos que nortearão o estudo sobre memória, história social e história oral, eis alguns desses teóricos: Ecléia Bosi: Memória e Sociedade: lembranças dos velhos, 1994, nos possibilita compreender o estudo sobre a memória coletiva; Michel Pollak: Memória e Identidade Social, 1992; “Memória, esquecimento, silêncio, 1989; nos ajudará a priorizar o enquadramento da memória dos circunistas e dos colaboradores do Círculo Operário de Picos;na história oral estarão presentes Paul Thompson. A voz do passado: história oral (1992); Lucília Delgado. História Oral: Memória, tempo, identidade (2006); História Social: Cláudio Batalha. O Movimento Operário na Primeira República (2000) e a Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (2003).

Serão discutidas nesse texto as experiências sobre o C.O.P., produzidas pelos porta-vozes, que de uma forma ou de outra, participaram no processo histórico do Círculo Operário Picoense.

Essa monografia está estruturada em dois capítulos. No **Capítulo I – O MOVIMENTO OPERÁRIO NA HISTÓRIA DO BRASIL: antes, durante e pós Ditadura Militar**, procuro historicizar o círculo operário no Brasil a partir de suas diretrizes nacionais. O ponto principal é a discussão com os documentos da Confederações Brasileiras dos Trabalhadores Circunistas.

No **Capítulo II – O Círculo Operário de Picos**, procurarei analisar essas experiências a nível local, principalmente, interpretar as experiências dos circunistas, o cotidiano e seus fazeres.

⁶ Estatutos do C.O.P., Cap. II, art. 4º. Cf. <http://www.cbtc.org.br/docs/estatuto.pdf>.

CAPÍTULO I

O MOVIMENTO OPERÁRIO NA HISTÓRIA DO BRASIL: antes, durante e pós Ditadura Militar

Para compreender a História e Memória do Círculo Operário de Picos (1950-1960), é necessário resgatar o processo histórico do Movimento Circulista através das experiências vividas pelos operários, principalmente nos períodos da Primeira República e da Ditadura Militar no Brasil.⁷ Por outro lado, procurando elucidar as indagações inerentes à História e Memória do Círculo Operário de Picos (1950-1960), no que refere a sua origem, público alvo e o seu alicerce na Igreja Católica⁸, obtive êxito após algumas leituras historiográficas sobre o movimento Operário no Brasil, no período da Primeira República.

Farei um breve relato para o que chamamos de Primeira República, - na presença da decadência do Império e das situações que o Brasil apresentava, dar-se-á a proclamação da República no país por meio de um golpe militar, na última década do séc. XIX. O período que se estende desde a presidência do Marechal Deodoro da Fonseca (1891), até a deposição de Washington Luís em 1930, chamamos de “Primeira República”.⁹

A Primeira República inicialmente trouxe uma breve esperança em pouco tempo, transformou-se numa decepção para aqueles que buscavam obter a regulamentação do trabalho e garantia de direitos políticos e sociais através da organização dos proletários¹⁰. Decepção, por que a república não promoveu a tão esperada revolução social, tampouco ocorreu o envolvimento dos trabalhadores no movimento republicano. O proletariado sofre repressões exacerbadas quanto suas reivindicações no campo da política, do social ou na área trabalhista; além disso, quando é aprovada uma lei que beneficia por o trabalho de menores nas fábricas do Distrito Federal, essa fica só no papel (decreto 1.313 de 1891).

Diante das contradições do governo republicano, aparecem as correntes: o socialismo, o anarquismo e organizações operárias, - buscavam saídas que vão desde adesão de projetos supostamente desviados pela república ou a busca de ideais que ultrapassavam o projeto republicano¹¹.

⁷ BARRETO, Álvaro. Uma avaliação da produção historiográfica sobre os Círculos Operários. In: **Anos 90, Revista do Programa de Pós- Graduação em História**, nº 7, julho, pp.127-147. Porto Alegre:UFRGS, 1997.

⁸ Estatutos do C.O.P., Cap. I, art. 3º - 1º. Cf. <http://www.cbtc.org.br/docs/estatuto.pdf>.

⁹ Cf. BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro. Jorge Zalar. Ed. 2000..

¹⁰ Ibidem, p. 37.

¹¹ Ibidem, p. 38.

Nesse viés, movimentos reivindicativos dos trabalhadores se alargam e os interesses destes se diversificam: uma corrente se volta para a conjuntura econômica a outra para a proliferações de organizações operárias direcionadas para a luta sindical; essas tendências ocorrem nos primeiros anos do séc. XX¹². Nesse mesmo período há significativos avanços do movimento operário brasileiro, destacados a seguir: a criação do primeiro sindicato industrial do Distrito Federal, a Federação dos Operários em Fábricas de Tecidos, a Federação das Associações de Classe e a realização de congressos operários; visualizo como principais três congressos a saber.

O primeiro congresso operário brasileiro, ocorrido em abril de 1906, na cidade do Rio de Janeiro, marcou presença de delegações do Distrito Federal, dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará e Pernambuco. Nesse congresso foram aprovadas resoluções condenando a ação política e outras relativas a forma de organizações das sociedades operárias e os princípios que deveriam regê-las; estabeleceu as bases da posição sindicalista revolucionária no movimento operário. Aprovou continuar a luta pela jornada de oito horas de trabalho e a data “1º de Maio de 1907”, seria comemorada lembrando o proletariado brasileiro, a lutar por essa causa¹³.

O 2º Congresso Operário Brasileiro foi realizado no mês de setembro de 1913, na cidade do Rio de Janeiro e promovido pela Confederação Operária Brasileira e o Sindicato Revolucionário, contou com 63 delegações (incluindo a representação de quatro jornais operários) provenientes de oito estados. Pontos especificados nesse congresso: condenou a participação da ação política nos movimentos operários; o mutualismo e o cooperativismo; defendeu os sindicatos por ofícios e por indústria como forma de organização¹⁴.

O 3º Congresso Operário Brasileiro ocorreu no 2º semestre de 1919, também no Rio de Janeiro, foi similar à dos congressos de 1906 e 1913, pautado na reflexão das experiências anteriores do movimento operário e nas mudanças ocorridas no movimento sindical¹⁵.

Em torno do Movimento Operário na Primeira República, passaram correntes ideológicas como o anarquismo, o socialismo e o Movimento Sindical, nestas correntes ocorrem mudanças, - elas se distanciam da política social das reivindicações presentes nas lutas do proletariado, opondo a essas correntes, surge no Movimento Operário a “Corrente Católica”, exatamente na década de 1920; ela veio através de organizações católicas

¹² BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. Op. cit, p. 39.

¹³ Ibidem, p. 40-41.

¹⁴ Ibidem., p. 48.

¹⁵ Ibidem, p. 57.

fundamentadas na doutrina social da Igreja Católica, expressa pelo Papa Leão XIII, na encíclica *Rerum Movarum*, em 1891¹⁶.

O Movimento Operário na Primeira República, além de suas lutas e reivindicações, encontrou espaço para a cultura, desfrutou de manifestações culturais e associativas; esses eventos percorriam desde Associações dançantes à imprensa operária; tendo na imprensa o seu principal instrumento de propaganda e debate; a sua evolução dava-se através de periódicos de correntes políticas-ideológicas¹⁷ (anarquismo, socialismo, comunismo e católicos); jornais sindicais, publicações destinadas à classe operária em geral.¹⁸

As sociedades operárias desenvolveram um calendário de celebrações e solenidades, tornando-o elemento essencial da cultura militante. Nesse calendário constavam datas como o aniversário de fundação de cada sociedade (herança laica do dia dos santos padroeiros das antigas corporações de ofícios), e a data mais importante para o movimento operário, o 1º de Maio, significando a luta pela jornada de oito horas de trabalho. Esses eventos eram realizados nas sedes das associações ou em salões alugados, promoviam conferências de propaganda, o orador falava sobre a data ou algum tema afim. Essas conferências poderiam ser acompanhadas de apresentações musicais ou peças teatrais de teor militante; às vezes a celebração encerrava-se com um baile familiar (para diferenciar dos bailes carnavalescos)¹⁹.

A celebração do 1º de Maio no Brasil encontra na sua difusão a escolha certa que intensificou a luta pela jornada de oito horas no início do séc. XX e propiciou a introdução de um conjunto de símbolos e alegorias que na Europa eram vinculados à celebração desse dia. Em pouco tempo o caráter internacional do 1º de maio se firmou numa manifestação conjunta dos trabalhadores de todo o mundo em um mesmo dia, e pela adoção de novos símbolos, como a bandeira vermelha ou o hino da Internacional²⁰.

Durante a primeira República os trabalhadores urbanos se organizaram em sociedades e sindicatos. Posteriormente essas sociedades em termos organizacionais, recebem o nome de Círculos Operários, Federação e Confederação, elas irão se distinguir pela função atribuída que lhe é cabível.

O Círculo Operário tem a função principal de construir algo coletivo, algo que envolva toda a sociedade e a beneficie. A Federação, planejar e reunir os círculos operários para

¹⁶ Ibidem., p. 27 e 58.

¹⁷ MORSE, Richard Mcgee. *O Espelho de Próspero: Cultura e Ideias nas Américas*. São Paulo. Companhia das Letras, 1988.

¹⁸ Cr. SOUSA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

¹⁹ Ver. MIRANDA, Carlos. A questão Social e os Círculos Operários do Recife. *Clio*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Nº16, 1996.

²⁰ BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. Op. cit., p. 67.

debater, criar e decidir coisas de interesses dos círculos, quais seriam então esses interesses? São cursos, oficinas, seminários, assembleias e os congressos estaduais e nacionais. A Confederação foi criada para proporcionar uma integração em rede (Confederação, Federação e Círculos). A Confederação contribui para fortalecer todas as Federações e Círculos e dela própria.

As Federações reunidas formam a Confederação. Os Círculos Operários reunidos formam as Federações. A união da Confederação, Federações e Círculos Operários formam o conjunto do Movimento Circulista. Portanto, é necessário que todos os círculos operários estejam filiados a uma determinada Federação e esta a Confederação. Quando não houver Federação em determinado Estado, o Círculo Operário local deverá se filiar a Federação do estado mais próximo²¹.

Na presente estrutura organizacional do Movimento Circulista, abordarei o Circulismo no Estado do Ceará e do Piauí; motivo este devido ao fato de atualmente só existir apenas um Círculo Operário no Estado do Piauí, que é o de Picos. E por escolher o referencial temporal (1950-1960) Para discorrer sobre a História e Memória do Círculo de Picos; farei um breve relato da Federação dos Círculos Operários do Piauí e os círculos operários filiados a esta na década de 1960.

A Federação dos Círculos Operários do Piauí conhecida pelas iniciais, F.C.C.O.O.P, foi fundada em 3 de novembro de 1960; teve o seu Estatutos e Regimento Interno aprovado em 02/03/1963 e registrado aos oito dias do mês de maio de 1963, com se de foro na cidade de Teresina. Neste mesmo ano estavam os seguintes Círculos Operários filiados a F.C.C.O.O.P.: Círculo Operário N. Sr^a. do Amparo de Teresina – Pres. Marcelino Lauriano da Silva; Círculo Operário de Parnaíba – Pres. Francisco Portela Sampaio; Floriano – Pres. Raimundo Frota Magalhães; Oeiras – Pres. Maria José Lima Ferreira; Picos – Pres. Conrado da Costa Neto²².

Considerando a filiação do Círculo Operário local, filiar-se a Federação do Estado mais próximo, é que recorri à Revista do Programa de Pós-graduação em História Social e do Departamento de História da UFC/2003 – dentre os autores desta “Revista”, apresento a pesquisadora Jovelina Santo; traça no seu artigo, os Círculos Operários – historiografia – catolicismo no social. Faz referência a vários historiadores e pesquisadores, dentre os quais está Álvaro Barreto; este por vez analisa a historiografia circulista cearense nos aspectos: análise estrutural das pesquisas; reflexão temporal (1930 e 1945). Nas suas reflexões, Álvaro

²¹ Caderno Resolução. XX Congresso Circulista Nacional / 2012; 4º tese. P.17-19.

²² Federação dos Círculos Operários do Piauí: Estatutos e Regimento Interno. 1963.

Barreto, aponta Carência de análise estrutural dos círculos operários; assinala pela insuficiência teórica da afirmação majoritária de que 1930-1945 foi um período específico da sua trajetória e o mais significativo da mesma. Na ênfase aos aspectos estruturais, Álvaro Barreto, faz uma ressalva, - há riqueza de análise e matizes do que significa ou significou o Circulismo no contexto nacional; perdeu-se de vista muito da sua trajetória ou dos aspectos factuais de sua existência, - pouco se sabe sobre sua extensão, consolidação e decadência quando for o caso dos círculos no país; se a mesma seguir algum plano prévio ou se deu sabor dos acontecimentos; se a Igreja teve um papel decisivo ou não nesse processo²³.

O Movimento Circulista durante o período da Ditadura Militar (1964-1985). A Ditadura Militar atingiu o Movimento Circulista quando estava em pleno desenvolvimento, e em pouco tempo conseguiu desarticula-lo. Nesse período, além da CNCO - Confederação Nacional dos Círculos Operários, com sede no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, existiam 16 Federações e 408 Círculos Operários funcionando em quase todos os Estados brasileiros, todos filiados a Federações. A Confederação desenvolvia junto às federações a coordenação, orientação e a disciplina hierárquica das organizações de base – os círculos operários.

No início da Ditadura Militar, temendo retalhões, a CNCO, transmitiu para as suas bases, “fingir-se de morto”, quais seriam essas orientações? Seriam voltar as suas atividades sociais somente para o atendimento assistencial dos associados e da comunidade, e para as comemorações de caráter familiar; tudo de forma cautelosa e silenciosa; tinha como objetivo principal, ultrapassar um período obscuro que muitos acreditam não ser muito longo. A outra orientação deveriam evitar as reuniões, seminários, atividades formativas e de lideranças.²⁴

As principais lideranças circulistas junto com os assistentes religiosos convocaram a XII Assembleia Geral Ordinária da Confederação nacional dos Círculos Operários realizada no dia 10 de julho de 1964 – Ata da 2ª Sessão, realizada no dia 11 de julho de 1964, deliberam a transformação do nome da Confederação nacional dos Círculos Operários para Confederação Brasileira de Trabalhadores Cristãos, com a sigla CBTC, aderindo a uma nova ideologia oriunda da Alemanha. Esta nova ideologia sedimentada em valores cristãos teve o apoio da hierarquia da Igreja Católica e a tolerância do regime ditatorial.

²³ SANTOS, Jovelina. Círculos Operários no Ceará: uma ausência historiográfica. In. **Trajetos, Revista do Programa de Pós-graduação em História Social e do Departamento de História da UFC**, v.2, n.4, – Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2003.

²⁴ Ver também BATALHA, Cláudio H. M. **Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: Algumas reflexões em torno da formação da classe operária**. Cad. AEL, v.6, n. 10/11, 1999.

As Federações dos Círculos Operários foram orientadas a seguir o exemplo da CBTC, isto é, deveriam substituir o termo “operário” da nomenclatura por “trabalhadores cristãos”. No entanto, esta deliberação encontrou resistência, as federações dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Espírito Santos, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, aderiram à deliberação. Já os estados do Amazonas, Pará, Piauí, Bahia, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul permaneceram com a mesma denominação. No meio circulista, muitas organizações, aceitaram a orientação “fingir-se de morto” de tal forma que muitas morreram ou mesmo desapareceram²⁵.

Após o período da Ditadura Militar (1964-1985), o Movimento Circulista não é mais o mesmo, uma clara realidade foi constatada, pois dos 408 círculos operários só havia 250 unidades; assim como algumas das federações deixaram de existir. Ambos (federações e círculos) restantes estavam com as suas diretorias envelhecidas, incompletas, sem atividades e sem perspectivas, os patrimônios arruinados e seu quadro social desarticulado. Diante desta realidade o Movimento Circulista, procurou se reerguer, através da formação e capacitação da classe trabalhadora nos vários campos do conhecimento²⁶.

O Movimento Circulista, atualmente realiza congressos de quatro em quatro anos, sob a coordenação e organização da Confederação Brasileira de Trabalhadores Circulista – CBTC, com apoio das Federações e Círculos Operários de todo o Brasil.

O último congresso aconteceu em julho de 2012 em Brasília-DF, e teve como tema: “Reorganizar e profissionalizar o Movimento Circulista”, e como lema: “Unidade e transformação”. Neste congresso foram discutidas e aprovadas nove teses: primeira tese – A participação dos jovens no Movimento Circulista; segunda fase - De baixo para cima; terceira tese – Desenvolvimento local, pedagogia de projeto e trabalhos em rede; quarta tese – Instâncias de Organização do Movimento Circulista: círculos operários, federações e confederações; quinta tese – Redefinir o papel, objetivo, missão, visão e valores dos círculos, das federações e da Confederação Circulista Nacional, através da profissionalização; sexta tese – sobre a participação dos funcionários ou empregados circulistas no movimento circulista; sétima tese – sugestões para um curso de formação circulista, política de formação circulista nacional; oitava tese – tecendo uma nova sociedade; nona tese – uma CBTC forte, objetiva e democrática²⁷.

²⁵ Texto. Sugestões para um curso de formação circulista. Antônio Rodrigues da Silva Filho – pres. Da CTBC.

²⁶ Idem, nº 20.

²⁷ Caderno. Resoluções XX Congresso Circulista Nacional, julho/2012.

Atualmente, o Círculo Operário de Picos faz parte do Movimento Circulista Nacional, entretanto, não exerce nenhuma atividade exposta no caderno: resoluções, XX Congresso Circulista Nacional – julho de 2012. As suas atividades estão resumidas em: realizar a sessão ordinária, no último domingo de cada mês, participação em algum momento nos festejos religiosos locais e comemoração do dia 1º de Maio e o dia 18 de Novembro, data da fundação do COP.

CAPÍTULO II

O CÍRCULO OPERÁRIO DE PICOS

Como vimos no primeiro capítulo a Igreja Católica é inserida no Movimento Operário através de organizações católicas, tendo como base os princípios e valores do pensamento cristão e desdobrados nas encíclicas papais “Rerum Novarum”.²⁸

Na cidade de Picos, Estado do Piauí não foi diferente. O bispo diocesano da cidade de Oeiras, Dom Expedito Lopes, juntamente com alguns cidadãos e cidadãs picoenses do meio sócio-religioso, fundaram, o “Círculo Operário de Picos”, em 18 de novembro de 1951, sendo notificado ao jornal “O Clamor do Rio de Janeiro” – órgão oficial da Confederação Nacional dos Círculos Operários do Brasil²⁹. A sua primeira Diretoria foi eleita por aclamação (nomeada), por um período provisório de um ano. Esta diretoria foi formada por seis membros a saber: Presidente – Conrado da Costa Neto; Vice-Presidente – Joaquim Albano da Silva (Quincas Albano); 1º Secretário – José Rafael Leal Lélis; 2º Secretário – José Albano de Macêdo (vulgo Ozildo Albano); 1º Tesoureiro – Absolon de Deus Nunes; Adjunto de tesoureiro – Raimundo de Sousa Santos (nomeado Juiz de Direito da Vara Cível, nesta cidade), para Assistente Eclesiástico do C.O.P., foi nomeado por D. Expedito Lopes o Pe. David Ângelo Leal³⁰.

Transcorrida a experiência de um ano a segunda diretoria do C.O.P. foi eleita por sufrágio pelo mandato de dois anos; quanto ao processo eleitoral dar-se-á em dois momentos: primeiro, pela primeira Assembleia Geral Eleitoral de fevereiro de 1952, após um mês da realização da eleição, ocorreu a segunda Assembleia Geral Eleitoral, precisamente em 14 de março de 1952, onde os seus componentes foram reeleitos.

Na campanha eleitoral para o biênio 1952 a 1954, concorreram duas chapas, saindo vitoriosa a chapa São José. A posse da nova diretoria ocorreu em 19 de março às 20 horas, no salão de festa do Instituto Monsenhor Hipólito. Compõe essa nova diretoria o Presidente: Conrado da Costa Neto; Vice-Presidente: Joaquim Albano Silva, 1º Secretário: Martinho Leal; 2ª Secretária: Teresa Xavier (conhecida por Zina Xavier); 1º Tesoureiro: Absolon de Deus Nunes; Adjunto de Tesoureiro: Raimundo de Sousa Santos, auxiliares da Diretoria: Delegado Geral: Dr. José Carlos Filho; Orador Oficial: José Batista de Oliveira Filho; Bibliotecário: Maria das Dores Xavier (Dorinha Xavier). Comissões de Sindicância:

²⁸ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

²⁹ Folha Circulista, 1952, p. 2.

³⁰ Folha Circulista, 1952, p. 2

Francisco Batista, Francisco M. Leal; Raulino Costa. De Finanças: Hermínio Filho Sobrinho, Aristides Moura Santos e Aristides Pereira Silva. De Música: José Ribamar Batista, Israel do Rego Barros, Antônio Lélis Feitosa. Comissão de Arte: Francisca Leal Santos, Aroli Moura Silva e Mirian Leopoldo Lélis³¹.

Corroborando as informações nesta contextualização, cabe explicar as ausências dos sócios circulistas José Albano de Macedo e José Rafael Leal Lélis do quadro social no biênio de 1952 a 1954. Segundo publicação do folhetim “Folha Circulista” de 1952. O Sr. José Rafael Leal Lélis ausentou-se por voltar à cidade de Jaicós, sua terra natal para reassumir o cargo de Tabelião do 1º Ofício que lhe cabia por direito. Quanto ao 2º Secretário da primeira Diretoria do C.O.P., José Albano de Macedo, deixou a cidade de Picos para cursar o científico em Fortaleza-CE e saiu bem recomendado aos dirigentes da Federação dos Círculos Operários do Ceará, o Estado mais circulista de todo o Brasil.

Nos primeiros anos de existência o Círculo Operário de Picos procurou angariar sócios para e si e/ou fundar núcleos operários. É o que nos informa o folhetim “Folha Circulista” de 1952, o qual retrata os principais acontecimentos da vida circulista do C.O.P. no primeiro semestre do ano em curso. Ei-los: no dia 19 de março a nova diretoria realizou no Povoado Umari, zona rural de Picos um comício circulista ao relento, animado pela banda de música municipal picoense; na ocasião marcaram presença a diretoria eleita para o biênio 1952 a 1954; considerável número de sócio e o Assistente Eclesiástico Pe. David Ângelo Leal; usaram como transporte dois jeeps e um caminhão; no momento o reverendo benzeu uma imagem de São José para a capela particular do Sr. José de Sousa Moura (alcunha – Piau) dessa ação circulista no Umari resultou a promessa de filiação ao C.O.P. por vários habitantes do lugar liderado pelo Sr. Piau.

Outro acontecimento marcante foi a inauguração do Núcleo Operário de Genipapo (onde hoje é a cidade de Itainópolis), filiado a C.O.P., aos 21 dias do mês de março do corrente ano. Na casa Paroquial, município de Genipapo. Contou com a presença do Assistente Espiritual do C.O.P. e de uma seleta assistência. Depois do Núcleo ser instalado nomeou-se a Comissão Executiva constituída pelo Delegado: Constantino Rodrigues de Araújo; Delegado Auxiliar: Antonio Pedro da Silva; 1º Secretário: Silvio Pedro da Silva, 2ª Secretária: Dulcides Rodrigues de Andrade; 1ª Tesoureira: Danúzia Andrade, 2ª Tesoureira: Maria Dias da Silva. nesta época já conta o novo Núcleo com uns 40 sócios que se acham bem

³¹ Folha Circulista, 1952, p. 2.

animados com o movimento circulista, possui a sua bandeira e cantam o Hino Oficial dos Trabalhadores.

O jovem Círculo Operário picoense, consciente das suas responsabilidades, procura afirmar seus passos nas leis e diretrizes que constituem a essência de trabalhar e desenvolver estratégias para o desenvolvimento de uma política social para os seus associados e as comunidades que o cerca; aqui denominamos de “Estatutos” do C.O.P. Neste propósito foi aprovado em sessão de Assembleia Geral, realizada em 6 de janeiro de 1952, visto e aprovado em 12 de novembro de 1952, pelo bispo diocesano da cidade de Oeiras, Estado do Piauí, registrado no 1º Cartório Oficial da cidade de Picos, de propriedade do Sr. Pascoal de Sousa Santos, em 1º de agosto de 1952.

Para a construção do conhecimento e problematizar a temática em exposição, História e Memória do Círculo Operário de Picos, no seu decoreto periódico de 1950 a 1960; considerando fatos ocorridos no universo do circulismo picoense e priorizando alguns tópicos do Estatuto do C.O.P.; busco dialogar a política interna desenvolvida pelo C.O.P., quanto ao experimentar a continuidade da mesma pessoa como presidente dessa instituição por vários anos seguidos, se o capítulo VIII, art. 14, § 1º do seu estatuto, recomenda o mandato da Diretoria somente por dois anos, podendo os seus membros serem reeleitos apenas por mais um mandato; art. 14, § 4º. Esses princípios que deveriam ser guias do C.O.P., ficaram só no papel. Na condição de historiadora ofereço a triste história da continuidade presidencial do C.O.P., desde a sua fundação aos dias atuais.

De 1951 a 1970, coube a presidência ao Sr. Conrado da Costa Neto, a segunda diretoria do C.O.P. vem caracterizada pela hereditariedade, é eleito para presidente o Sr. João Virgílio de Sousa, inicia a sua gestão em 1970 e se estende até 1990, durante este tempo a presidência do C.O.P., foi passando de pai para filhos e de irmão para irmão; não contentes com esta prática, os membros da diretoria nestes vinte anos de mandatos eram todos irmãos biológicos e filhos do Sr. José Virgílio de Sousa. O terceiro presidente do C.O.P., o Sr. José Baldoino de Araújo (popularmente conhecido por Zequinha Baldoino) presidiu por 22 anos, vindo a falecer em 03 de março de 2012, assumiu a vaga o vice-presidente da instituição, Sr. Paulo Gonçalves da Costa. Em maio do ano em curso foi aclamada a diretoria para o biênio 2012 a 2014 e o Sr. Paulo Gonçalves da Costa foi nomeado presidente o qual veio a falecer em 2012, assume interinamente a vice-presidente a Sra. Wilma Maria da Fonseca. Ao término do seu mandato é nomeado o seu esposo para presidir o C.O.P. de 2014 a 2016; equivocadamente a Sra. Presidente negou a existência do Estatuto do C.O.P., considerando que o seu esposo sequer era sócio do C.O.P.

Esta dura realidade me preocupa: o circulismo picoense volta a vivenciar o imperialismo presidencial aliado à ideia de eternidade. Não custa perguntar, que tipo de Círculo Operário temos hoje, se resgata heranças antigas? Parafraseando George Humberto Smith “somos aquilo que somos numa relação com o outro generalizado”.

Outra provocação diz respeito aos princípios e finalidades do circulismo que é oferecer aos seus associados do campo e da cidade uma política social, criando possibilidades ao trabalhador de crescer como cidadãos e cidadãs, defender os direitos dos trabalhadores e promover o reestabelecimento de relações harmoniosas entre operários e patrões (Estatuto do C.O.P., capítulo I, art. 2º, 5º e art. 3º, 5º).

O 1º Presidente do C.O.P., o Sr. Conrado da Costa Neto, sendo proprietário da maior sapataria de Picos, sabendo-se que a maioria dos seus funcionários compunha o quadro social do C.O.P., a instituição circulista picoense estaria apta a atuar na defesa e promoção dos seus associados?

Ainda na linha de leitura do Estatuto do C.O.P. é importante saber e tecer comentários em alguns aspectos defendidos por este e a ação circulista picoense no que se refere à religião católica e outros elencados a seguir. O C.O.P. através do seu Estatuto se propõe defender o Evangelho de Jesus Cristo e a prática humanista; uma prática social fundamentada na Doutrina Social da Igreja Católica; auxílio jurídico, médico, odontológico, auxílio funerário, fundação de escolas para os sócios.

No meu entendimento há discordância entre a teoria e a ação circulista, o sócio para usufruir as vantagens do Círculo Operário de Picos, deveria apresentar a sua caderneta com o recibo do mês passado³². Além disso, há indício de que havia parceria entre o C.O.P. e os órgãos nas três esferas: municipal, estadual e federal.

Vale ressaltar a Escola de Educação de Base, frequentada pelos filhos dos sócios circulistas, funcionava somente durante o dia, portanto, os adultos não tinham acesso a esta. O atendimento médico e odontológico se apresentava de fachada, pois na maioria das vezes os sócios circulistas eram atendidos nas dependências do posto de saúde municipal “Antenor Neiva”, localizado próximo à sede do C.O.P., não havia restauração dentária somente a extração, desconheço se havia acesso para a aquisição de prótese dentária junto ao C.O.P., uma outra situação desconfortável refere à contratação do dentista, geralmente eram dentistas práticos.

³²Estatuto do C.O.P., Cap. VI, Art. 11, § 1º.

Neste sentido, é visível constatar o discurso contraditório do C.O.P., a ideia de um círculo operário paternalista, solidário aos seus associados e aos pobres é descabível, a propaganda de que o sócio circulista seria contemplado, principalmente na política de atendimento e proteção, ao trabalhador nos aspectos mencionados antes. Poder-se-ia pensar no C.O.P., não como um instrumento transformador do proletariado junto às políticas públicas e privadas, mas como uma continuidade na história do clientelismo.

Utilizando das informações contidas no Estatuto do C.O.P. vejamos a seguir as quatro classes de sócio que poderia fazer parte do seu corpo social³³.

1) Sócios efetivos, são os operários enumerados no 3º parágrafo, P. 7, que admitidos pagam mensalidades.

2) Sócios cooperadores, são os que se comprometem a contribuir com quantias, gêneros, materiais ou trabalhos profissionais, mensalmente ou anualmente, para o Círculo.

3) Beneméritos são os que tiverem prestado ao C.O.P., serviços havidos como relevante.

4) Remidos, são os sócios que pagarem de uma só vez a quantia de CR\$ 1.000,00, ou oferecem ao Círculo um objeto útil no valor de CR\$ 1.500,00 ou lhe obtiverem um donativo em dinheiro superior a CR\$ 2.000,00.

§ único – Os sócios remidos ficam isentos apenas do pagamento das mensalidades, porém não das contribuições dos departamentos e secções a que se tenham inscritos. O Art. 6º, indica as condições e admissão do sócio efetivo, destacarei apenas dois dos critérios: ter no mínimo 14 anos e no máximo 60 anos de idade; o outro, não pertence a ideologias ou seitas contrárias à igreja Católica. O Art. 7º, § 2º fala da admissão: o candidato aceito como sócio deverá contribuir com a quantia de CR\$ 20,00 correspondente à joia, carteira, distintivo e à primeira mensalidade.

O Círculo Operário de Picos, no período compreendido entre 1950 a 1960, a meu ver, experimentou o “ápice” nas suas atividades sociais; depois passa pro transformações constatada numa dura realidade: diretoria envelhecida e sem perspectivas; o patrimônio material e imaterial arruinados (década de 70), o seu quadro social desarticulado sem buscar novas bandeiras e novos horizontes.

No final da década dos anos sessenta, presenciamos inquietos e perplexos o início da decadência do C.O.P., pontuamos anteriormente a perspicácia do C.O.P., no início dos anos cinquenta consolidando operários, e montando estratégias com a finalidade de aumentar os

³³Estatuto do C.O.P., Cap.II, Art.5º.

sócios no seu quadro social; ainda neste recorte temporal de 1950 a 1960, presenciemos o C.O.P, voltado principalmente para as atividades de manifestações culturais e para a Escola de Ensino Básico gratuito somente para os filhos dos sócios circulistas desde que, o sócio estivesse com a sua mensalidade em dias; na verdade, o C.O.P., mantinha a Escola São José Operário em parceria com a prefeitura municipal de Picos; o quadro dos docentes eram todos funcionários público municipal.

Havia uma diversidade de eventos de cunho cívico e não cívico; marcam esta época. Os eventos cívicos estavam direcionados ao sentimento de amor à Pátria, sistematizadas em datas comemorativas a saber: o dia do Piauí; o dia da Bandeira Nacional; todos acompanhadas do seu hino específico.

Nos eventos não cívicos envolviam festas religiosas: confraternização natalina com distribuição de cestas básicas e presentes para os pobres; a festa poderia vir ou não acompanhada de representações teatrais fundamentada nos textos bíblicos; também na semana santa havia momentos lúdicos alternados entre musicais ou peças teatrais denominadas de “dramas”; outra data imprescindível nos ofícios comemorativos da cultura circulista, trata-se do dia das mães, - o grupo de jovens liderados por “Dais e Edinéia Flor” comovia a plateia nas suas apresentações musicais utilizando expressões corporais. Esses eventos eram realizados ora no auditório do Círculo Operário de Picos (O 2º maior auditório nesta cidade).

Outras vezes acontecia no auditório do “Ginásio Estadual Marcos Parente”, situado na Rua Monsenhor Hipólito, S/N, (neste estaria o maior auditório picoense). No final da década de 1960, o Círculo Operário fundou o Clube dançante somente para os sócios circulistas levando a denominação de Associação Dançante dos Trabalhadores Circulistas São José Operário. Ainda no final da década de 1960, foi inserida no calendário cultural circulista a eleição da “Rainha do Círculo Operário”, coroada na festa do dia 1º de maio. Outra comemoração importante é o dia 18 de novembro, - data da fundação do círculo operário picoense.

Em relação às atividades pertinentes no período do apogeu do circulismo picoense, consta o curso de datilografia, corte e costura, trabalhos manuais (bordado a mão); todo executados nas dependências do C.O.P., localizado á Rua Nossa Senhora de Fátima, S/N., posteriormente passa a se chamar Av. Nossa Senhora de Fátima. Essas atividades teriam como público alvo a juventude. Visualizo estas atividades no ângulo assistencial conforme segue os requisitos para a inscrição nestes cursos: ser sócio ou filho de sócio circulista, desde que, ambos não estivessem em atraso nas mensalidades; o que sugere perguntar? Seria mais

uma das estratégias para aumentar o número dos sócios? Ou uma forma de passar a imagem de um pai?

Quanto ao Patrimônio do Círculo Operário de Picos este procurou acumular o capital abrindo contas nas redes bancárias e também fez investimento no setor imobiliário; talvez não houvesse uma política voltada para preservar as suas finanças, mais havia a preocupação em adquirir imóveis seja por donativos ou sua efetuação de compras. Além da sua sede própria, o C.O.P., possuía terrenos e casas para aluguel.

Em relação a memória coletiva do C.O.P., colhi depoimentos de três circulistas, Maria Leal dos Santos, Maria da Conceição Monteiro de Sousa e Francisca Santos Costas, sendo as três sócias fundadoras.

Nos depoimentos percebeu-se que cada uma delas ingressou no Círculo Operário através de convite de outras pessoas sócias circulistas. Elas pagavam uma mensalidade, mas ao completar 60 anos de idade foram isentas, por orientação do presidente.

O Círculo Operário realizava atividades sociais como: dava remédios, extraia dentes, davam aulas, caixão para defuntos, cestas básicas, faziam visitas aos circulistas doentes. Quando morria um circulista, todo mundo tinha que ir ao enterro, cantando o Hino Oficial dos Trabalhadores e com a bandeira do Círculo na frente.

As reuniões, segundo a circulista Francisca Santos Costa, aconteciam todos os domingos. Todo 1º de maio o padre celebrava uma missa na sede do Círculo, sendo acompanhada pelo clarinetista seu Caetano e Gracinha cantava.

Hoje, no Círculo Operário, segundo a circulista Maria Leal dos Santos, foram extintas quase todas as atividades e comemorações; restando apenas as de 1º de maio e 18 de novembro; até a visita às casas dos circulistas que morriam deixaram de existir e ao ser perguntada sobre o novo presidente, a mesma não soube informar quem era.

Contextualizando a decadência do Círculo Operário de Picos no referencial temporal de 1950 a 1960. Neste sub-tópico, o embasamento voltar-se-á para as dimensões: desativação da Escola de Educação de Base “São José Operário” em 1968, - o corpo docente desta escola eram funcionários públicos municipais; no ano de 1967, o médico Oscar Neiva Eulálio é eleito para prefeito; no ano seguinte constrói um prédio para funcionar a Escola Municipal “Zezé Maria Eulálio”, requisita as professoras para esta nova escola; a diretoria do C.O.P., alegou não ter recursos financeiros para continuar com a Escola do Círculo Operário, essas foram as razões da extinção da Escola Circulista São José Operário, Outro fator. A seca desolada assola a região do nordeste brasileiro, iniciando em 1969, indo até a segunda metade dos anos oitenta, – traslado do depoente Pe. Alfredo Schafler, entrevista concedida à Rádio

Educativa de Picos, cultura FM 104.3 MHz; exibido em 03/05/2015 no programa em jubileu “História dos 40 anos de fundação da Diocese de Picos”; apresentadores do programa: Antônio José, Felismina, Marcos André e Analey.

O Pe. Alfredo Schafler, chega na cidade de Picos, assume a Paróquia Nossa Senhora dos Remédios e permanece de 1969 a 1984. Neste período, vivenciou a pior e mais longa seca nordestina; enternecido pela calamidade, parte para as ações concretas em parceria com as “Cáritas”. (Diocese de Picos), conseguiu alimentos e os distribui juntamente com os jovens que haviam participado do T.L.C., (Treinamento de Liderança Cristã).

A década de 1970 para o Pe. Alfredo foi bastante difícil, – em visita aos arredores de Picos, pessoas morrem de fome. Ao visitar a cidade de São José do Piauí, a 29 km de Picos; na localidade Riacho do Bambu, Serra do Maracujá, encontra dois esqueletos humanos, um se chamava Gerônimo o outro ele não lembrou como se chamava, de acordo com as informações lhe passada; os dois homens haviam se deslocado para virem a cidade de Picos, em busca do Pe. Alfredo para receberem alimentos. Ainda na década de 1970, – o 3º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), abriu frentes de serviços, as pessoas ganhavam dois reais por dia. Existia uma frente de serviço no povoado Fátima do Piauí, município de Picos; as pessoas dormiam no chão; o Pe. Alfredo não tinha rede para todos, distribuía à noite enquanto os trabalhadores dormiam. Na década de 1980, a seca continua, o Pe. Alfredo vende o seu carro “Toyota” ao empresário Raimundo Eulálio, recebe o pagamento em alimentos para doar aos pobres.

Outro fator determinante na decadência do Círculo Operário de Picos, foi a chegada do 3º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção) nesta cidade. Por que? Porque introduziu na sociedade picoense transformações radicais na economia, cultura, habitação, costumes.

O 3º BEC (contingente) instituiu na vida social noturna picoense, outras formas de lazer e entretenimento como as discotecas em voga nos anos 70. Nos espaços noturnos destacamos: a Boate Saravá no Bairro Catavento; O Engenho e o Casarão, – ambos no centro de Picos; Petropicos, também no centro, funcionava como restaurante e promovia festas dançantes.

O 3º BEC construiu um conjunto de casas populares e uma quadra de esportes, no Bairro Aerolândia, nessa quadra veiculava filmes gratuitos todas as quartas-feiras à noite: tudo isso concorreu para o afastamento da juventude circulista das sessões do C.O.P., e das realizações festivas e familiares: as apresentações dos dramas e outras formas de lazer e entretenimentos deixam de existir gradativamente.

Por outro lado, o 3º BEC propiciou no seio picoense a emancipação feminina; antes as mulheres se encontravam na Praça Félix Pacheco e voltavam para seus lares às 21 horas; a elite feminina frequentava os bailes na Sociedade Civil Picoense Clube. Após a chegada do 3º BEC, as camadas sociais se misturaram; as madrugadas passam a ser a chegada nos lares das jovens senhoritas e senhoras.

Quanto ao aspecto da economia provocou a aceleração de valores nos gêneros alimentícios e na habitação. Aqui faço um contraponto: Picos não estava estruturada para receber tantas pessoas, faltou casas residenciais para aluguel, os proprietários desses imóveis, expulsavam seus inquilinos e os alugava para outros por um valor muito superior. Outro aspecto dessa decadência a emigração; tendo como causas o desemprego, a seca e o alto custo de vida.

No meu entender, a emigração em larga escala, teve sim, a contribuição do 3º BEC, – a população de Picos, esperava que este, vinha para gerar muitos trabalhos remunerados; contrariando as expectativas dos habitantes de Picos, os proletariados vindos de fora já estavam com seus empregos garantidos. Desse modo, inúmeras famílias evadiram da cidade de Picos e foram para os grandes centros de preferência para os Estados de São Paulo e o Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tentar concluir esta pesquisa, da maneira como foi realizada, foi para mim uma tarefa um tanto difícil, haja vista as dificuldades de encontrar e conciliar o meu tempo com os dos meus sujeitos pesquisados: os circulistas.

A história do Circulo Operário de Picos, nesta periodização exposta é ampla e complexa, porém só foi possível historicizar parte dela, devido às atas terem sido extraviadas, não sendo as mesmas registradas em cartório. No entanto, ainda foi possível, com o material coletado, registrar as experiências através das narrativas de alguns circulistas e assim o trabalho da memória foi fundamental para que juntos, entrevistador e entrevistado, pudessem registrar histórias ali traçadas entre os diversos sujeitos circulistas.

A produção dessa pesquisa traz aspectos da vida e do cotidiano de pessoas comuns, mas não de relevância insignificantes, mas, crucial para o entendimento da história do trabalho, tudo isso permitido graças aos avanços nas noções de fontes, que nos dão à possibilidade de estudar “pequenos acontecimentos” sem, no entanto, perder de vista e desvincular-se de um contexto geral mais amplo, veja o que diz Giovanni Levi:

A micro-história tenta não sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla, e de fato acentua as vidas e o acontecimento individual. Mas ao mesmo tempo, tentar rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individual podem servir para revelar um fenômeno mais geral.³⁴

Com isso a história do trabalho não pode ser analisada de forma separada, de acontecimentos maiores, com tudo não devemos excluir “os pequenos acontecimentos”, pois através deles podemos conseguir chegar à compreensão de outros acontecimentos que se apresentam necessário ao historiador.

A busca por fontes, revisão de leitura, diálogo com autores, rotina cansativa, mais válida quando se pretende estudar o trabalhador e suas experiências; logo, as conversas informais com alguns circulistas da época foi possível trazer à tona muitas lembranças, algumas cheias de recordações sobre os tempos de outrora, noutras, memórias fragmentadas, mas, até mesmo no silêncio podemos entender a história, assim diz Michael Pollak.³⁵

³⁴ LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história” In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

³⁵ POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In.: Revista de Estudo Históricas. Rio de Janeiro, vol. 2, n.03, 1989, p.3-15.

Diante deste cenário, só foi possível o desenvolvimento do tema, pela insistência na busca de fontes; sendo encontrada a maioria delas na “Folha Circulista” da época. As outras tiveram que recorrer às diversas memórias.

Finalizo enfatizando que o tema Círculo Operário de Picos abordados nessa monografia é apenas um fragmento e que requer, urgentemente, sua ampliação. Na verdade é importante que a pesquisa se amplie para estudar Círculo Operário no Piauí, pois essa lacuna continuará sendo nossa perseguição...

FONTES

- Estatuto DAC.B.T.C – **Confederações Brasileiras dos Trabalhadores Circulistas**. Cap.IV, Art.6º, V.
- Estatuto do C.O.P – **Círculo Operário de Picos**. Cap.I, Art.2º – 1º; Art.3º –1º. Cap.II, Art. 4º e 5º. Cap.VI, Art.11, §1º.
- FCORS – Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul. **Instâncias de Organização do Movimento Circulista: Círculos Operários, Federações e Confederação**. Caderno Resoluções do XX Congresso Circulista Nacional. Brasília-DF, 2012.
- Federação dos Círculos Operários do Piauí: **Estatutos e Regimento Interno**. Teresina-PI, 1963.
- **Jubileu de Prata da CNCO** – VIII Congresso Nacional dos Círculos Operários, realizado em julho de 1962. Instruções gerais; Regimento Interno; Temários; Regulamento dos Grupos de Debate; Relatório; *Projeto de Lei nº 1. 039 – D de 1948*. Dispõe sobre a participação dos empregados nos lucros da Empresa.
- LOPES, Dom Expedito. Folha Circulista. 1952.

SITES CONSULTADOS

- <http://www.cbtc.org.br/> (Confederações Brasileiras dos Trabalhadores Circulistas)
- www.ibge.gov.br/
- <https://pt.wikipedia.org/>

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Álvaro. Uma avaliação da produção historiográfica sobre os Círculos Operários. In: **Anos 90, Revista do Programa de Pós- Graduação em História**, nº 7, julho, pp.127-147. Porto Alegre:UFRGS, 1997.
- BATALHA, Cláudio H. M. **Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: Algumas reflexões em torno da formação da classe operária**. Cad. AEL, v.6, n. 10/11, 1999.
- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro. Jorge Zalar. Ed. 2000.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança dos Velhos**. Ed. São Paulo. Companhia das Letras. 1994.p. 484.
- CARONE, Edgard. **Movimento Operário no Brasil (1877 – 1944)**. São Paulo: Difel, 1984.
- CASTRO, Marcos de. **Dom Helder, o bispo da esperança**. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- DELGADO, Lucilia de Almeida neves. **História Oral: Memória, Tempo, Identidades**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.
- GONÇALVES, Adelaide. **A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos de 1920**. Florianópolis.Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história” In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- MIRANDA, Carlos. A questão Social e os Círculos Operários do Recife. **Clio**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Nº16, 1996.
- MORSE, Richard Mcgee. **O Espelho de Próspero: Cultura e Ideias nas Américas**. São Paulo. Companhia das Letras, 1988.
- OCHOA, Maria Glória Wormald. **As origens do movimento sindical de trabalhadores rurais no Ceará 1954-1964**. Fortaleza, Edições UFC. 1989.
- PEREIRA, Adelaide M. Gonçalves e Jorge E. Silva (orgs.). **A Imprensa Libertária do Ceará(1908-1922)**. São Paulo: Imaginário, 2000.
- POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. In.: Revista de Estudos Históricos. Rio de janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.
- POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In.: Revista de Estudo Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n.03, 1989, p.3-15.

SANTOS, Jovelina. **Círculos Operários no Ceará: uma ausência historiográfica.** In. **Trajetos, Revista do Programa de Pós-graduação em História Social e do Departamento de História da UFC**, v.2, n.4, – Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2003.

SILVA FILHO, Antônio Rodrigues da. **Sugestões para um Curso de Formação Circulista: Política de Formação Circulista Nacional.** Caderno Resoluções do XX Congresso Circulista Nacional. Brasília-DF, 2012, p.25-30.

SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

ANEXOS



Fotografia do broche dos sócios do Círculo Operário de Picos. . Arquivo pessoal da autora.

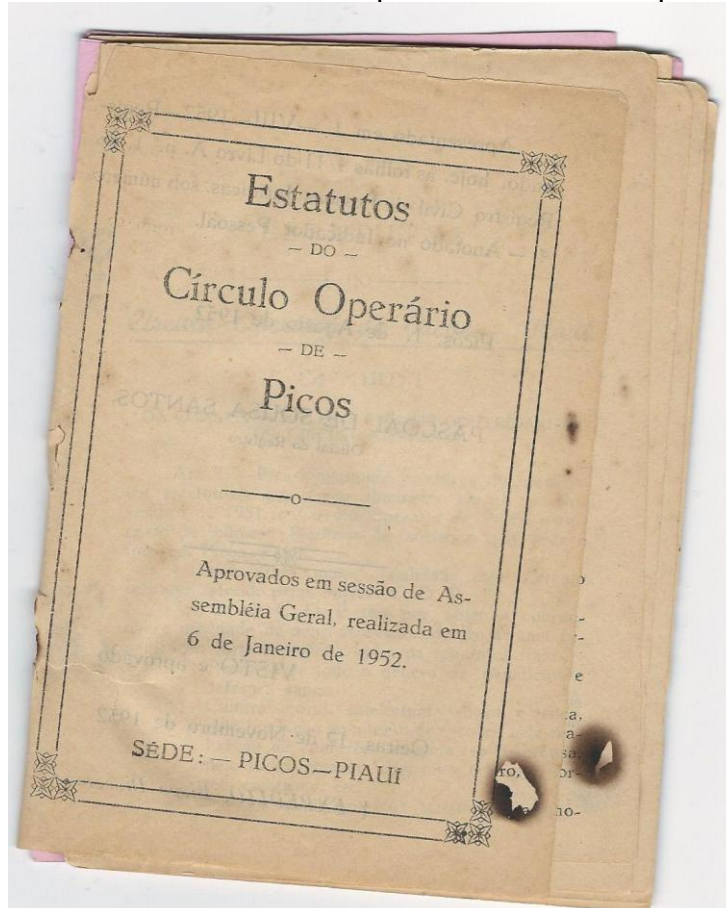


Imagem do Estatuto do Círculo Operário de Picos, ano 1952. . Arquivo pessoal da autora.

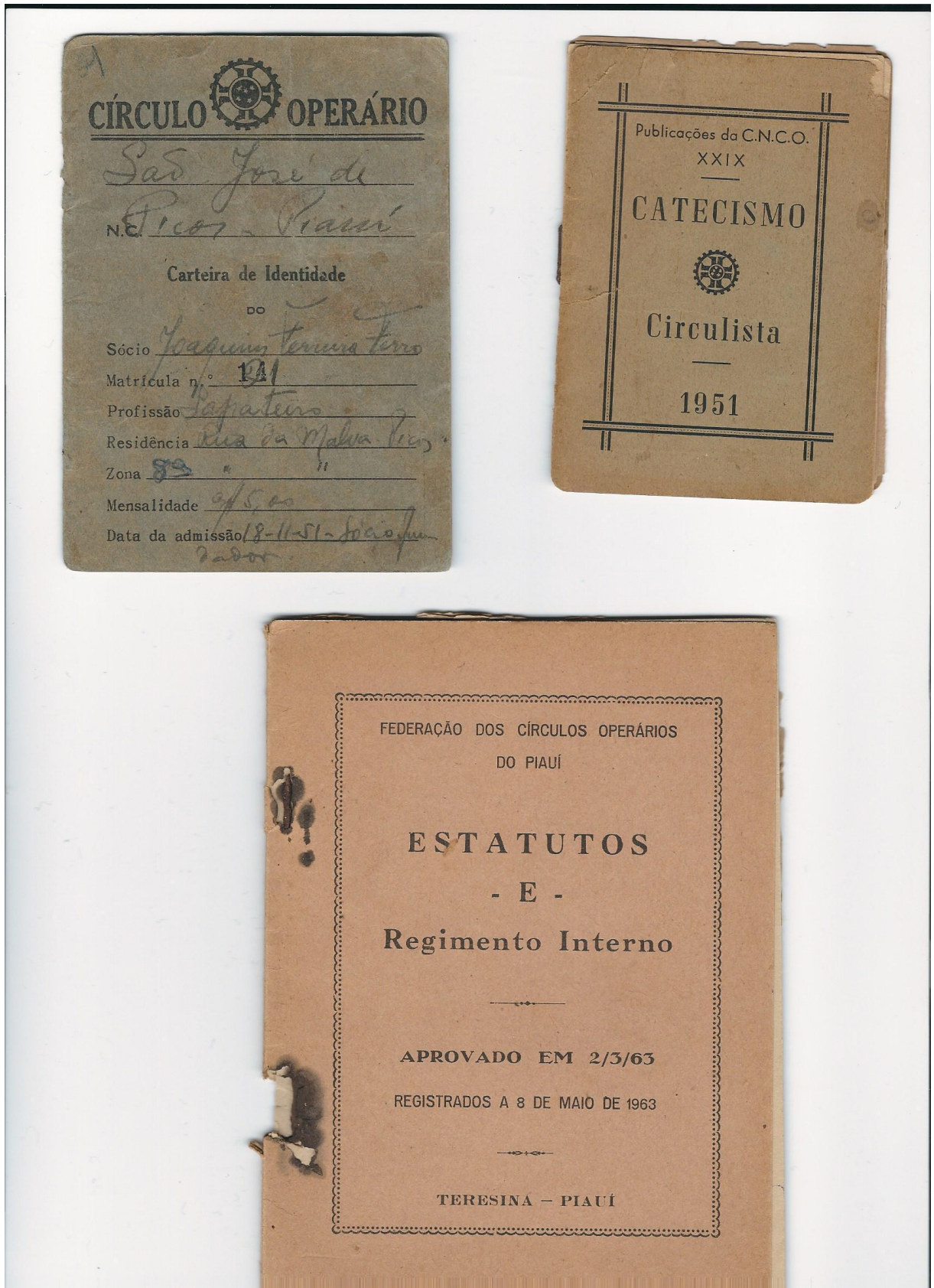


Imagem da Carteira de Identidade do Sócio, do Catecismo Circulista e Estatuto e Regimento Interno do Círculo Operário. . Arquivo pessoal da autora.

HONRA AO MÉRITO

Toda ação boa, toda atitude digna merece os nossos aplausos. Queremos aqui aplaudir publicamente a ação corajosa, a atitude firme da primeira diretoria eleita do Circulo Operário de Picos, cujo clichê estampamos.

São seus componentes pessoas muito conhecidas em nosso meio socio-religioso.

Presidente: Conrado da Costa Neto, tipo acabado de dirigente circulista. Ativo, atencioso, perseverante. Não teme sacrifícios para atender aos circulistas que necessitam de auxílio. Não tem horas para levá-los o médico providenciando os funerais dos que morrem. Ao surgir do O. P. foi ele nomeado presidente provisoriamente. Em fevereiro de 1952 foi eleito, dirigindo a nossa agremiação com eficiência até 1954, quando foi reeleito e bem reeleito. Muito bem, Conradinho, muito bem! Vice-Presidente: Joaquim Albano da Silva, operário bem operário, circulista bem circulista.

Formando seus membros também na linha do trabalho do circulismo.

Característica marcante do Quinça Albano é o seu espírito de luta. Sempre está de acordo com seus companheiros de Diretoria. O que ele quer é a honra do nosso movimento. Como o Conrado, foi nomeado no começo, pois eleito e agora na 2.ª Assembleia Geral Eleitoral, foi reeleito e bem reeleito. Muito bem, velho Quinça.

Secretário: José Rafael Leal Leles — o maior. Bom caráter, prudente, inteligente, foi um dos baluartes nos primeiros dias do Circulismo em Picos.

Também foi nomeado no início, foi eleito na Assembleia Geral de fevereiro de 1952. Passou ultimamente para o cargo de tabelião do 1.º ofício que lhe cabia por direito. Foi uma grande perda para o O. P. esta retirada. Volte Rafael! Arrende seu cartório e volte ao nosso meio circulista onde é você tão estimado. 2.º Secretário: José Albano de Macedo, chamado na amizade: Zé Orildo. Ex-seminarista, ginasiário dos melhores, animador das nossas festinhas. Este ano passou a curso Científico em Fortaleza (Ceará) deixando-nos grande falta. Saiu daqui bem recomendado aos dirigentes da Federação dos Circulos Operários do Ceará, o Estado mais circulista de todo o Brasil. Quando terminar o seu curso voltará novamente a ser um dos nossos esteios fortes, se Deus quiser.

1.º Tesoureiro: Absolon de Deus Nunes, nomeado, eleito e agora reeleito. Financista como todo bom comerciante sua escrita é meticulosa e bem feita. Zanga-se, às vezes, quando as despesas superam a receita. Inimigo de despesas inúteis ao seu ver, já o achamos financista de mais. Antes sim do que desorganizado. Muito bem Absolon! E fazemos votos por que em vez de "deficit" haja sempre "superavit" em nossos cofres.

Adjunto de Tesoureiro: Raimundo de Sousa Santos. Bem alegre, nunca nos deu trabalho. É o depositário da caixa do Circulo. Só é inquietado quando morre um circulista ou

quando uma circulista se torna mãe.

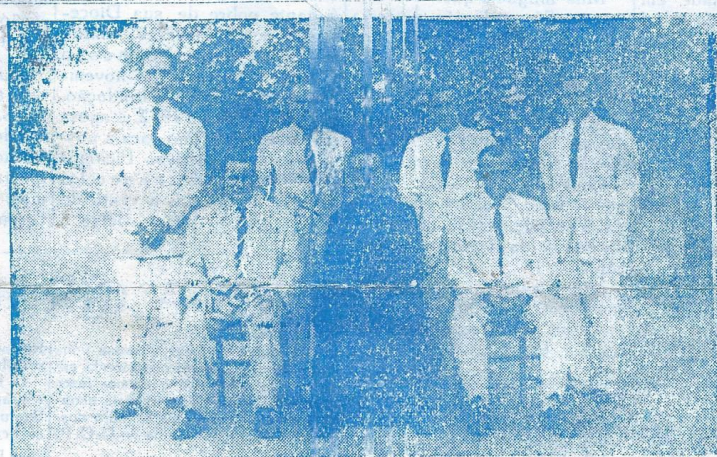
Também foi nomeado, eleito e agora reeleito. Atualmente está na vara como juiz da cidade. Muito bem, Raimundinho!

A todos estes o muito bem e o muito obrigado dos Circulistas de Picos, que para demonstrar a sua amizade e confiança elegeram-nos na 1.ª Assembleia Geral Eleitoral de fevereiro de 1952 e os reelegeram agora na 2.ª Assembleia de 14 de março.

Apenas dois não foram reeleitos porque ausentes, mas tiveram sucessores bem dignos na pessoa de João Martinho Leal, como primeiro secretário, e Teresa Xavier, como 2.ª secretária. João Martinho é bem nosso. É dos da primeira hora. Zina Xavier é uma das novas conquistas do C. O. P. e bem preciosa.

Batamos palmas a toda esta gente boa.

O padre do meio, Assistente Eclesiástico do C. O. P., nomeado por S. Excia. Revma. o Sr. Bispo Diocesano de Oeiras, D. Expedito Lopes, a 18 de novembro de 1951, como responsável desta "Folha" e autor destas notas, não pode se julgar a si mesmo. "pois ninguém é juiz em causa própria". Que o julguem os que vêm trabalhando nas hostes circulistas de Picos desde 18 de Novembro de 1951, desde a estaca zero do movimento circulista em nossa terra.



PRIMEIRA DIRETORIA DO CIRCULO OPERARIO DE PICOS

nomeado por S. Excia. Revma. o Sr. Bispo Diocesano de Oeiras, D. Expedito Lopes, a 18 de novembro de 1951, como responsável desta "Folha" e autor destas notas, não pode se julgar a si mesmo. "pois ninguém é juiz em causa própria". Que o julguem os que vêm trabalhando nas hostes circulistas de Picos desde 18 de Novembro de 1951, desde a estaca zero do movimento circulista em nossa terra.

NOTA—Este clichê já foi estampado num dos últimos números do «O Clamor» do Rio. Órgão oficial da Confederação Nacional dos Circulos Operários do Brasil.

Vida Circulista

Continuação da 2.ª página

CIRCULISMO NO UMARI

Em a tardinha de 19 de março p. p., a Diretoria e considerável número de sócios do C. O. P., em 2 jeeps e um caminhão excursionaram ao Umari, a uma legua desta cidade. Lá o A. Eclesiástico benzeu uma imagem de São José para a Capela particular do Sr. José de Sousa Moura e fez um comício circulista ao relento, animado pela Banda Municipal. Consequências: muitos habitantes daquela localidade, à frente o nosso amigo José dos Sousa Moura (o nosso Piau) encheram propostas para sócios. Muito bem, amigos do Umari. Sejamos cem por cento circulistas.

NÚCLEO DE GENIPAPO

A 21 de março, Domingo, à noite, na Casa Paroquial de Genipapo, neste município, com a presença do As-

istente Eclesiástico e do Presidente do C. O. P. e de uma seleta assistência inaugurou-se o Núcleo Operário de Genipapo, filiado ao C. O. P. Depois de instalado nomeou-se a Comissão Executiva que ficou assim constituída: Delegado: Constantino Rodrigues de Araújo, Delegado Auxiliar: Antônio Pedro da Silva, 1.º Secretário: Silvio Pedro da Silva, 2.º Secretário: Dulcídes Rodrigues de Andrade, 1.º Tesoureira: Danúsia Andrade, 2.º Tesoureira: Maria Dias da Silva. Já conta o novo Núcleo com uns 40 sócios que se acham bem animados com o nosso movimento. Já têm a sua bandeira, já cantam o nosso Hino, já vibram conosco.

Esta fundação de um Núcleo na próxima futura cidade de Itainópolis constitui uma verdadeira vitória para o movimento Circulista em nossa terra.

Com o tempo esperamos fundar outros núcleos.

Foi-se o «Mosquito» & Cia.

A Cidade de Picos se viu enfeitada, durante mais de um mês, por uma verdadeira chusma de artistas de circo e de teatro. Umas três companhias por aqui passaram, fundindo-se, misturando-se. E a população desta desprezada Picos teve tempo e dinheiro para assistir às suas exhibições, delas perniciosas à moral cristã. Homens, mulheres e criança, tôdas as noites, estavam lá, na Praça da Bandeira, ávidos de diversões. Não assistimos a nenhuma destas noitadas e tivemos dificuldade em chegar a uma conclusão sobre o valor moral destas encenações de feira.

Se uns nos informavam da existência de cenas, chistes e anedotas condenáveis, outros afirmavam que não havia nada de mal.

A julgar pela moral dos informantes, parece-nos assistir razão aos primeiros.

Graças a Deus, tudo já passou. Lolás, Ivonetes, Dalvas, Aparecidas, Garrafinhas, já se foram, já foram tardê!

Mas queremos chamar a atenção dos pais de família

no sentido de usarem de mais cuidado e vigilância, caso surjam outras companhias por aqui. É preciso não ter condescendência das suas responsabilidades para consentir um pai ou a mãe que seus filhos menores, suas filhas inocentes se deixem envenenar nestes ambientes perniciosos.

Certas piadas, certos ditos, certas cenas dúbias que poderão não fazer mal a um adulto de caráter já formado, não deixarão de impressionar as crianças, os adolescentes.

Mas ninguém quer ver este perigo. Só a Igreja protesta pela voz desassomburada dos seus ministros.

E que Ela tem as luzes do Divino Espírito Santo para pregar a verdade e recomendar os bons costumes, condenando o erro e o pecado.

Ouçamos a voz da Igreja, nossa Mãe, Coluna e Mestre da Verdade, eterna defensora da moral, da família e da inocência.

E fechemos as nossas portas a estes parques recreativos que nos fazem mais mal do que bem.

Filhos de Voltaire

Arouet Voltaire, grande literato francês, do fim do século passado, foi um dos homens que mais perseguiu a Igreja com seus escritos. Chamava a Santa Igreja Católica de «Infame». E a sua arma predileta contra ela foi a arma da mentira. Mentia e mandava mentir: «Mentil! mentil! Sempre fica alguma coisa.» Ainda hoje grande é a proliferação dos filhos de Voltaire.

Aqui mesmo em nossa cidade que se diz tão católica, quantos «Voltairezinhos» mal disfarçados não vivem perambulando por nossas ruas. São simpáticos, maneirosos. Cumprimos atentamente os padres, vão à missal dão esmolas, mas sustentam uma campainha surda contra a Igreja e os seus ministros. E para isto se servem da arma preferida de Voltaire: a mentira. Querem uma prova? Lá vai esta po ramostrá. Passaram por aqui não faz

muito umas companhias teatrais. Os padres guardaram uma atitude de reserva, aconselhando aos pais vigilância sobre os seus filhos. Poucos se incomodaram com isto. As noitadas foram as mais concorridas sem distinção de idade, sexo, condição, moral.

As tais companhias se foram. Ninguém se lembrou, talvez, de elogiar a prudência e a vigilância dos sacerdotes de Picos. Mas os filhos de Voltaire, os filhos da mentira, entraram em ação, espalhando nas rodas dos mexericos que os padres no fim foram comprados pelo «Parque Mosquito», por cinco mil cruzeiros. Mentira das mentiras!

Realmente, o Diretor do tal Parque Mosquito, antes de viajar, tentou por mais de uma vez entregar ao vigário coooperador um envelope contendo não se sabe quanto. Deus é testemunha de que este envelope não foi recebido. Alguém

Dom Exedito Lopes

A jovem diocese de Oeiras teve a sorte feliz de ter como seu primeiro bispo, um prelado jovem, santo e realizador. Temos em mente dedicar um número especial de nossa «Folha» a este grande bispo, mostrando ao público o que ele já tem feito pela sua Diocese de 1949 a esta parte. No momento queremos apenas ressaltar na figura simpática do nosso Bispo Diocesano o seu amor aos operários. Dom Exedito Lopes é realmente o «Bispo dos Operários». Parece constituir suas delícias falar à gente pobre de sua Diocese. Já por três vezes visitou S. Excia. Revma. o nosso Circulo Operário. Em novembro de 1951 para a fundação, em novembro de 1952, e agora em maio deste ano para a nossa Páscoa Coletiva. Ficamos sobremaneira desvanecidos quando recebemos a visita do nosso antistite, que deixa a

séde da sua diocese e até nós, sentir conosco, gir-nos, orientar-nos com palavra autorizada de Prím da Igreja e assistir às nossas coisas. E tudo isto sem nenhuma remuneração, ou mel sem remuneração outra do o registro no Livro da N destes sacrificios a bem trabalhadores desta Diocese.

A S. Excia. Dom Exedito Lopes queremos reiterar mais vez os protestos inequívocos nossa admiração, do n respeito, da nossa gratidão nossa amizade. Em cada razão circulista nosso B tem um lugar especial.

Que Deus abençoê ser os trabalhos apostó de S. Excia. Revma., cor vando-o por muito tempo frente da nossa Diocese, glória de Deus, bem das mas, grandêza do Movim Circulista.

VIDA CIRCULISTA

Por motivos alheios à nossa vontade, desde há meses não circula esta «Folha». Por isto queremos fazer aqui um resumo dos principais acontecimentos que vêm marcando a nossa vida circulista, a vida do C. O. P. em marcha.

FEDERAÇÃO DOS CC OO DO PIAUÍ

Com as honrosas presenças de S. Excia. Revmo. o Sr. Dom Raimundo de Castro e Silva, Bispo Auxiliar de Teresina, do Revmo. Pe. Leopoldo Brentano, S. J., Fundador dos CC OO do Brasil e Assistente Eclesiástico da Confederação Nacional dos Circulos Operários do Rio de Janeiro, de alguns sacerdotes e de considerável número de operários de ambos os sexos, foi solenemente fundada e instalada a 24 de janeiro p. passado, a Federação dos CC OO do Piauí, no Patronato Dom Barreto, em Teresina, Capital deste Estado.

Foram Circulos fundadores da Federação o de Teresina, o de Oeiras, e o nosso de Picos, estando bem representados pelos seus respectivos Assistentes Eclesiásticos: Pe. Joaquim Chaves, Pe. Balduino Barbosa, Pe. David Leal, e pelos seus presidentes Mário José Dantas, Raimundo Lopes e Conrado da Costa Neto.

Foi nomeado A. E. da Federação o

ficou com ele e quiz entregá-lo ao Revmo. Pároco. Foi igualmente devolvido. Que Deus julgue os difamadores da honra e dignidade alheias.

Dos filhos de Voltaire, livrai-nos Senhor.

Revmo. Pe. J. Chaves e presidente sr. Mário José Dantas.

O Revmo. Pe. Leopoldo Brentano consagrou aquela nova Federação Sagrada Comunhão de Jesus, e a sa Senhora Medianeira e a São em marcha.

ELEIÇÕES DO C. O. P.

A 14 de março p. p. reuniu 2.ª Assembléa Geral Eleitoral O P Apresentaram-se duas cl a oficial e a São José, saindo meira vitoriosa com tôda linha

POSSE DA NOVA DIRETORIA

A 19 de março, festa do gl São José às 20 horas no sal festas do Instituto Mons. Hij procedeu-se a posse desta Direção: Presidente: Conrado da ta Neto, Vice-presidente: Jo Albano da Silva, 1.º Secretário Martinho Leal, 2.º Secretária: sa do Rego Xavier, 1.º Tesor Absololo de Deus Nunes, Adjui Tesoureiro: Raimundo de Sous tos—Auxiliares da Diretoria: D do Geral: Dr. José Carlos Fill radador oficial: José Batista de lho. Bibliotecária: Maria das Xavier.

Comissões: de Sindicância: Francisco Batista, Francisco N Leal, Raulino Costa, De finança min'o Filho Sobrinho, Aristic Moura Santos, e Aristides Per Silva. De musica: José Ribam: tista, Esraél do Rego Barros tonio Leles Feitosa. De arte: cisca Leal Santos, Aroli Moura va, e Mirian Leopoldo Leles.

Que Deus abençoê esta nova toria do COP para que possam componentes levar avante a ch ardente do ideal circulista a B trabalhadores picosenses.

APÊNDICE VI

**HINO DOS TRABALHADORES BRASILEIROS
(HINO CIRCULISTA)**

Letra de vários circulistas
Música do P. J. Lehmann, S.V.D.
Companheiros, cerremos fileiras
Olhos fitos no ideal que reluz!
Empunhemos a nossa bandeira,
Cujas cores abraçam a cruz!
Ardorosos na luta, queremos
O operário fazer respeitadas.
Contra as forças do mal defendemos
Nosso Deus, nosso pão, nosso lar!

Nós trazemos um lema que encerra
Um programa de paz e de amor;
Pois queremos que acabem na terra
A opressão, a injustiça, o terror!
Pois queremos que acabem na terra
A opressão, a injustiça, o terror!

Nós não somos mendigos ou escravos,
Mas pioneiros de um grande porvir;
Nós iremos com audácia de bravos
Nova ordem social construir.
Vencerá nossa marcha gloriosa.
Vem depressa marchar, meu irmão!
Surgirá da jornada afanosa
Um **BRASIL OPERÁRIO CRISTÃO!**



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (X) Monografia
- () Artigo

Eu, **MARIA CAETANA NETA**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CÍRCULO OPERÁRIO DE PICOS (1950-1960)** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 22 de abril de 2016.

Maria Caetana Neta
Assinatura